

PREÇO €5,22

Novembro 2012 | Nº 199

www.oinstalador.com

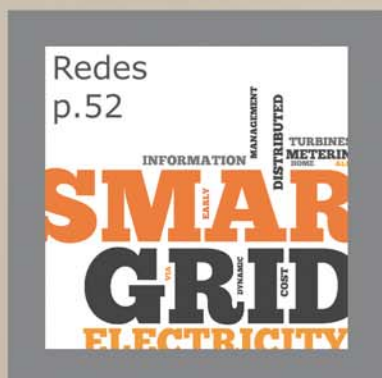
Periodicidade | Mensal (10 edições/ano)

O Instalador

Associações Colaboradoras



REVISTA TÉCNICA • EDIFÍCIOS • ENERGIA • AMBIENTE



Grande Entrevista

Augusto Ferreira Guedes

«A OET está preparada e disposta para fazer a fusão com a OE»

Ponto de Vista

Onde estava, onde ia?
Luís Fonseca e Silva

Técnica

A energia aerotérmica,
energia renovável
José María Ortiz

Reportagem

12^{as} Jornadas de
Climatização

Dossier

Ventilação



GRANDE ENTREVISTA
Augusto Ferreira Guedes



«A 'doutorice' chegou a todas as escolas de engenharia do País»

O Bastonário da Ordem dos Engenheiros Técnicos (OET) afirma que há uma «tentativa de hegemonia das ordens mais antigas» em Portugal e refere que estas são actualmente entidades «corporativas, densamente povoadas de interesses instalados, que poucas vezes estão preocupadas com a defesa do consumidor» mas antes «com os seus próprios interesses». Augusto Ferreira Guedes realça ainda que Portugal precisa de «engenheiros que concebiam grandes obras de engenharia», mas também de outros, «capazes de recuperar e regenerar as cidades».

Entrevista_Ana Clara
Fotos_Tiago Silva

O INSTALADOR – UM ANO APÓS A CONSTITUIÇÃO DA OET, ENQUANTO ORDEM, QUE BALANÇO FAZ DA ACTIVIDADE ATÉ AGORA?

Augusto Ferreira Guedes – Somos uma associação de Direito Público há 13 anos. Apenas a designação mudou. Na altura, a Assembleia da República entendeu não nos conceder a designação de Ordem, mas os estatutos são exactamente os mesmos.

E PORQUE É QUE NESSA ALTURA NÃO VOS CONCEDERAM O ESTATUTO DE ORDEM?

Basicamente as razões são as mesmas que existem hoje. Há, de facto, uma tentativa de hegemonia das ordens mais antigas. As mesmas razões pelas quais os nossos colegas tentaram (e tentam) usurpar as funções. Os próprios arquitectos interpuseram-nos uma acção em tribunal por causa dos actos que praticamos. São as mesmas razões de há 13 anos, no fundo e sempre fizeram pressão para que a



designação não fosse de Ordem. E se alguma dúvida houve sobre isso, a decisão recente do Conselho Nacional das Ordens Profissionais, que chumbou a nossa entrada para o referido Conselho, prova isso mesmo. É bom não esquecer que as Ordens são entidades corporativas, densamente povoadas de interesses instalados, que poucas vezes estão preocupadas com a defesa do consumidor mas antes com a defesa dos seus próprios interesses.

ESTE CORPORATIVISMO REINANTE É UM DOS MAIORES PROBLEMAS DAS ORDENS?

É. Aliás, veja-se a forma como as Ordens têm reagido à Lei das Ordens que o Governo está a propor...

COM A TUTELA POLÍTICA QUE É CONHECIDA.

Nós não concordamos com a tutela, mas concordamos que haja alguma regulação. Por exemplo, o que a Ordem dos Engenheiros (OE) fez, através de um regulamento, à revelia da lei que renomeou a Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos (ANET) para Ordem, a dizer que podiam admitir os licenciados pós-Bolonha, é uma ilegalidade. Nesta medida, tem que haver algum controlo. As Ordens não deram ainda provas bastantes de que são idóneas. E depois não se podem queixar de o poder político querer interferir. Temos o exemplo da atitude dos médicos, em que a Ordem dos Médicos queria im-

pedir os médicos de outras nacionalidades de exercerem em Portugal.

FALTA UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE?

As próprias Ordens ou se modernizam ou se tornam mais bafientas. Ou então sujeitamo-nos a que o Governo interfira. Enquanto OET não aceitamos nenhuma tutela, mas aceitamos que haja um ministério de relacionamento directo. As Ordens não podem aprisionar o Estado e têm-no feito durante muitos anos e não conseguiram ainda fazer a adaptação à Democracia.

«AS ORDENS MATARAM OS SINDICATOS»

NA SUA OPINIÃO HÁ VONTADE DE MUDAR ESSE PANORAMA?

Há pessoas que têm essa vontade. Estamos a falar dos seus dirigentes, e não no comum dos membros. As Ordens não são sindicatos, mas a verdade é que elas mataram os sindicatos.

PORQUÊ?

Porque as Ordens sufocaram os sindicatos e os membros dos sindicatos não souberam afirmar-se e perderam poder para as Ordens.

E ESTE É O MELHOR MOMENTO PARA MUDAR ISSO?

A crise é um momento muito importante porque somos obrigados a reflectir e a tomar decisões. Costumo dizer que era bom que a crise se agudizasse para tomarmos todas as decisões que temos de tomar. Em certa medida, a crise obriga a tomar medidas de racionalidade que são fundamentais.

COMO É QUE OLHA PARA AS CRÍTICAS E ENTRAVES COLOCADOS PELA OE E PELA ORDEM DOS ARQUITECTOS (OA) À EXISTÊNCIA DA OET?

Há uma razão de fundo na sociedade portuguesa para este contínuo combate aos engenheiros técnicos. Somos uma classe com 160 anos de existência. Somos oriundos das primeiras escolas de engenharia criadas em Portugal. Há 100 anos, com a criação do Instituto Superior Técnico (IST), os engenheiros técnicos, à época, foram extintos. Contudo, é preciso não esquecer que os engenheiros técnicos são, tradicionalmente, oriundos das classes mais baixas da sociedade portuguesa.

A QUESTÃO SOCIAL É DETERMINANTE NO CASO.

É. Hoje, na minha opinião, há algumas elites que acham que são donas de Portugal, não estão disponíveis para aceitar a emergência de novos profissionais. Os engenheiros técnicos são basicamente oriundos de famílias operárias. Há uma luta de classes dentro da Engenharia e da Arquitectura. Sempre foram para o IST Técnico e para a Faculdade os filhos das classes mais altas. Para Arquitectura e Belas Artes entrava outra «franja» da sociedade. E depois há os engenheiros técnicos que lutam desesperadamente para subir patamares na sociedade. E durante muito tempo a formação nos institutos era, em termos culturais, muito deficiente. Mas as últimas gerações já

«Hoje há algumas elites que acham que são donas de Portugal, não estão disponíveis para aceitar a emergência de novos profissionais. Os engenheiros técnicos são basicamente oriundos de famílias operárias. Há uma luta de classes dentro da Engenharia e da Arquitectura»

têm um novo perfil cultural. E isso incomoda. Mas nós, OET, já ganhámos todas as batalhas que tínhamos a ganhar. E estamos cá para lutar pela dignidade da engenharia.

O ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL NA ÁREA DA ENGENHARIA EVOLUIU MUITO NOS ÚLTIMOS ANOS. ISSO TAMBÉM É UMA VITÓRIA PERANTE AS ELITES DO SECTOR?

Algumas elites vão dizendo que foi uma pena terem acabado as escolas industriais. Eu, pelo contrário, digo 'ainda bem que elas acabaram'. Os alunos das

escolas industriais tinham acesso a essa formação apenas na versão de saberem apertar bem os parafusos. Ainda bem que as escolas industriais foram extintas. Pena é que no mesmo dia não tivesse sido criado um ensino profissional abrangendo todos os alunos. Aliás, a discussão é tão oportuna que hoje quando este ministro (da Educação) tenta relançar, com maior impacto, o ensino profissional, ou reforçando o que já existe, ele não vai conseguir, porque algumas pessoas oriundas das classes mais baixas não querem ficar outra vez estigmatizados. A minha posição é a de que todo o ensino devia ser profissional. Todo. É a única forma de acabar com o estigma. Diria até que só as sociedades subdesenvolvidas e mais pobres é que não



têm ensino profissional sério. Se formos para os países do Norte da Europa, todos têm, e tiveram uma visão de futuro em relação ao ensino profissional.

BOLONHA

QUE MUDANÇAS PROFUNDAS É QUE O PROCESSO DE BOLONHA INTRODUZIU NO SISTEMA DE ENSINO UNIVERSITÁRIO EM PORTUGAL, CONCRETAMENTE NA ÁREA DA ENGENHARIA?

Bolonha, para mim, em particular, é uma das mais importantes reformas nos últimos 200 anos em Portugal.



«A Universidade e os Politécnicos são entidades conservadoras. Todo o mundo académico, que devia ser aberto à inovação e modernidade, não o é. Os politécnicos, por exemplo, em Portugal, são uma tentativa de cópia da Universidade. E como cópia, obviamente que sai mal»

PORQUÊ?

Criou dinâmicas no ensino superior em Portugal que, de outra forma, jamais se conseguiriam obter. Mas corre o risco sério de «morrer na praia» porque há algumas universidades e algumas Ordens que estão a tentar subverter, desde o primeiro dia, o Processo de Bolonha. A Universidade e os Politécnicos são entidades conservadoras. Todo o mundo académico, que devia ser aberto à inovação e modernidade, não o é. Os politécnicos, por exemplo, em Portugal, são uma tentativa de cópia da Universidade. E como cópia, obviamente que sai mal.

E A QUE SE DEVE ISSO?

As escolas de engenharia, sejam elas universidades ou politécnicos, tentaram fazer cópia daquilo que são, de facto, as grandes escolas de engenharia em Portugal, como o IST e a

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). Nestas escolas, a engenharia tem outra concepção, de investigação e de ensino. A maior parte das escolas tentaram fazer cópia do modelo que existe. E nós, hoje, necessitamos em Portugal, de engenheiros que concebiam grandes obras de engenharia, mas também de engenheiros capazes de recuperar e regenerar as cidades. E é evidente que hoje há uma crise na construção civil, mas isso é absolutamente transitório, porque dentro de pouco tempo teremos aí o *boom* da recuperação das nossas cidades. E nas escolas isto não se ensina. Hoje, sai-se de uma qualquer universidade ou politécnico e para fazer fibra óptica, por exemplo, tem que se fazer um curso complementar de formação. Se se quiser fazer certificação energética tem de se fazer formação.

Então para que serve a escola? Por isso digo que o ensino superior em Portugal é conservador. E isso é um crime, o Estado gasta imenso dinheiro bem como as famílias. Por exemplo, um dos grandes boicotes a Bolonha é o facto de as escolas produzirem uma coisa que se chama Licenciatura em Ciências da Engenharia. Isto não tem nada de formação e é criminoso.

E ESSE CURSO SERVE PARA QUÊ?

Não serve para nada. Serve para enganar as pessoas. Aliás, as notícias de que as escolas superiores ficaram desertas em termos de engenharia mostra que as pessoas começam a acordar porque alguma coisa está mal no processo.

O QUE ME ESTÁ A DIZER É QUE ESTAMOS A FORMAR PROFISSIONAIS MAL PREPARADOS?

Algumas escolas estão a formar

profissionais que supostamente seriam de engenharia e não o são. E isto é publicidade enganosa. Por exemplo, a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior faz uma avaliação que é na base do se ter Doutores ou não. Esta é uma componente muito importante. Mas é preciso saber se a formação que se vai ministrar corresponde à Portaria 1379/2009 que define as competências de um engenheiro e de um engenheiro técnico, ou de um arquitecto. A verdade é que a 'doutorice' chegou a todas as escolas de engenharia do País. O euro é a 'doutorização' do Ensino Superior.

DESEMPREGO

O DESEMPREGO QUE ATINGE A ENGENHARIA É FRUTO DA CRISE ECONÓMICA OU TAMBÉM DA MÁ PREPARAÇÃO?

A engenharia não tem um grande desemprego. O que podemos dizer é que há um abaixamento do rendimento que tínhamos. Agora há algum desemprego. Mas o desemprego também se divide por áreas.

NA ENGENHARIA QUAIS SÃO OS SUBSECTORES ONDE O DESEMPREGO É MAIS ELEVADO?

Há uma crise na engenharia civil mas esta crise é absolutamente passageira. Este Governo, na sequência do anterior, já produziu alguma legislação importante no campo da legislação urbana, que simplifica o processo administrativo da reabilitação. É óbvio que o desemprego na engenharia propriamente dita é preocupante, mais concretamente nas grandes obras.

RONDA MAIS OU MENOS QUE VALOR?

Ninguém tem noção. Sabemos que temos muitos colegas fora do país.

HOUVE TAMBÉM MUITOS ENGENHEIROS QUE EMIGRARAM?

Não, a engenharia portuguesa, em particular os engenheiros técnicos, sempre se movimentaram bem pelo mundo. Aliás, a história de que para arranjar emprego só é mais fácil no estrangeiro faz-me levar a concluir que há aqui uns profetas da desgraça. Para a engenharia isso nunca foi novidade. Nenhum país está 200 anos em cresci-



mento a construir. Isto são ciclos. Daqui a 20 anos vamos estar a demolir os bairros que construímos, etc. O que não é normal é o estado degradante das nossas cidades, porque tivemos uma Lei das Rendas congelada e na qual não se podia mexer.

E ONDE FICA O CUSTO DO TRABALHO DO ENGENHEIRO?

Não é só dos engenheiros. Não defendo salários baixos. Mas uma pessoa não pode passar oito horas no emprego e trabalhar duas, ou com horas de almoço de duas horas. A nossa produtividade é muito baixa. E isto tem uma repercussão nos salários e na produção. Há aqui, de facto, um problema sério na nossa cultura e com o qual temos de viver.

QUANTOS MEMBROS TEM ACTUALMENTE A OET?

25 mil membros.

DE QUE FORMA É QUE OS ENGENHEIROS PROCURAM AJUDA NA ORDEM?

Nós, em Portugal, não temos muita tradição associativa. As pessoas inscrevem-se na Ordem para obter o título profissional e porque precisam das declarações para trabalhar. Mas de facto não há essa tradição associativa.

E QUE OBJECTIVOS, ESTIPULADOS PELA OET, JÁ FORAM ALCANÇADOS?

O primeiro e grande objectivo foi o facto de não termos sido banidos. Houve quem quisesse fazê-lo.

ESTÁ A FALAR DA OE E DA OA?

Também e essa foi a primeira grande vitória com capacidade afirmativa. O banir era ficarmos ao nível do 12.º ano. Depois a criação de uma associação de Direito Público e a designação de Ordem e com tudo o que isso acarreta. Por exemplo, neste momento há uma tentativa clara de anulação dos engenheiros técnicos.

COMO?

Vai haver o Congresso da Engenharia, promovido pela OE, onde estão todas as ordens e classes de engenharia de todos os países, menos os engenheiros técnicos portugueses. Isto é uma provocação e uma infâmia. Se pensam

que vão ter algum sucesso com isso, estão enganados. Mas é impossível fazer de conta que os engenheiros técnicos não existem. São apenas manifestações de hipocrisia e medo.

MEDO EM QUE SENTIDO?

Porque eles gostavam de controlar o mercado e ter o monopólio mas isso vai ser impossível. Até porque esta geração que está na OET é demasiado nova para desistir. E já deviam ter percebido que não vale a pena tentar excluir-nos. A outra grande vitória foi a revisão do Decreto 73/73, que foi algo notável, porque quando todos nos queriam aniquilar, surgimos com mais força e energia. Outra vitória é o Processo de Bolonha, que nos fortaleceu; ou a certificação energética, onde também nos tentaram excluir. O conjunto de vitórias que temos tido mostra que temos novos actores na sociedade portuguesa e isso é muito bom, porque significa que a própria sociedade também está mais atenta.

HÁ ALGUMA POSSIBILIDADE DE, NO FUTURO, HAVER UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A OE E A OET?

A OET está preparada e disposta para fazer a fusão das duas Ordens. Basta eles assim o quererem.

E A OE SABE ISSO?

Sabe. Mas tem de mudar de postura. A «bola» está do lado deles. Já disponibilizamos essa abertura mas sem sermos aniquilados.

E DO LADO DA OE HÁ VONTADE PARA ISSO?

Há correntes de pensamento dentro da OE, com quem até conversamos, em que seria possível dentro de pouco tempo termos uma Ordem única. Quando quiserem e estiverem disponíveis, estaremos cá para conversar.

QUE INICIATIVAS TEM A OET PARA O FUTURO?

Dignificar em absoluto a engenharia portuguesa, seja ela praticada por engenheiro for. As pequenas questões entre nós não podem sobrepor-se ao interesse da engenharia e do país. E desejamos que a engenharia seja um factor de riqueza para o país e de exportação de serviços.

